

Étienne La Font de Saint Yenne [1688-1771]. Carta do autor das Reflexões sobre a pintura e do autor das Obras expostas no Louvre em 1746

SAMUEL JOSÉ GILBERT DE JESUS

Introdução

Reconhecido hoje como um dos principais fundadores da crítica da arte na França, Étienne La Font de Saint-Yenne é autor de uma obra abraçando várias décadas, valorizada entre os anos 1740-1750. Dois ensaios em particular relatam do caráter visionário do seu pensamento sobre o papel do Estado a respeito da arte. Em suas *Reflexões sobre o estado da pintura na França. Com um exame das principais Obras expostas no Louvre no mês de Agosto de 1746*, publicadas por Jean Neaulme, em La Haia [1747], o autor argumenta a criação de um museu acessível a todos e o compara assim a uma galeria: “construída intencionalmente no Louvre, onde todas as riquezas imensas e desconhecidas poderiam ser ordenadas de modo a realçar sua beleza, e preservadas em seu melhor estado por um artista contratado para cuidar de sua conservação”.

Este pedido encontra-se formulado também num segundo texto, publicado pelo mesmo editor em 1749, sob o título *A Sombra do grande Colbert, O Louvre e a Cidade de Paris*, diálogo por meio do qual o autor vem enfatizar a sua postura, defendendo a ideia do direito de cada um de escrever sobre as obras exibidas nos Salões, ou ainda sobre os projetos de arquitetura ou de urbanismo em processo em sua época. Ambas as reivindicações se concretizaram por meio da votação da lei do dia 6 de maio de 1791, promulgada pela Assembleia Revolucionária, transformando o então palácio em repositório do Mobiliário Nacional confiscado, e criando o atual Museu do Louvre em Paris, conhecido enquanto *Museu Central das Artes*, inaugurado no dia 10 de Agosto de 1793.

A carta a seguir, escrita e publicada de forma anônima (escolha defendida pelo autor diante da tentação de uma “glória inútil”), é particularmente importante. Importante na medida em que ela demonstra como o pensamento articulado do autor desenvolveu, fiel, certas noções fundamentais evocadas, tais como a concepção do lugar e do papel da arte na cidade; mas, sobretudo, como o seu pensamento revela uma sensibilidade particular do autor pelas artes e suas exigências estilísticas em vigor na época.

Essa carta constitui-se como uma verdadeira *defesa* das suas *Reflexões*, diante de uma contracritica intensa e simultânea (dirigida pelo pintor Antoine Coypel, pensionista do Rei, entre outros). Em resposta, o autor justifica o seu único desejo de levar os “acadêmicos” para melhorar as suas aptidões em suas disciplinas respectivas, relevando até os erros estilísticos. Ora, a crítica pode ser somente entendida, como o lembra La Font de Saint Yenne, pelas “almas elevadas”, respeitando os limites que gerem a cortesia entre “pessoas de qualidade”.

As *Reflexões* trazem aos seus leitores uma resposta anônima, sem referências nem garantias *morais* estabelecidas pelo meio social e artístico ao qual ele vem oferecer os seus serviços. Como pode ser avaliada, desde então, a verdadeira legitimidade, tudo como a própria competência do crítico, quando nasce a necessidade de examinar, escrever e publicar os seus julgamentos? Segundo La Font de Saint Yenne, o artista precisa ser competente, erudito, apto a explorar novos temas. O sujeito tem de ser original e facilmente compreensível para todos. Por isso, entendemos melhor a predominância da figura nos quadros, apesar da ameaça recorrente provocada por certa saciedade figurativa.

O que está finalmente em jogo refere-se sempre à sensibilidade do espectador, em frente da potência emocional trazida pelo sujeito e a estratégia narrativa da composição. Esse aviso exigente nos informa também sobre a maneira como a abordagem do crítico a respeito da recepção de uma obra sempre tende a valorizar tanto os saberes do artista, quanto o deleite do público a admirar os seus efeitos. Os seus julgamentos, às vezes intuitivos, revelam-se pouco a pouco essenciais quando se trata especificamente da verossimilhança, na véspera do surgimento da estética. Surgimento este que se inscreve igualmente em sua época, na gênese de um novo poder: a opinião pública.

Carta do autor das *Reflexões sobre a pintura e do autor das obras expostas no Louvre em 1746*

Ao meu Senhor.

Eu não saberia como tanto agradecer você, Meu Senhor, de toda atenção que você teve a respeito de mim, me avisando quanto a minha Obra incomodou alguns daqueles sobre quem eu falei, e deu lugar às críticas que você tinha a gentileza de me confiar. Essa prova de amizade sua, me obriga muito a responder exatamente às principais.

Declarei, desde o início, e declaro ainda hoje, que eu nunca tive a vontade odiosa de ofender quem que seja, nem mesmo desagradar ninguém da forma mais leve. Eu sei toda a injustiça que ocorreria em recusar todos os elogios em relação as Obras expostas em público, desde que nós estamos convencidos que elas lhes estão dadas, ou ainda desejar diminuir o mérito delas, por meio de uma crítica que não estaria de exata equidade. Você me conhece suficientemente para entender a oposição do meu carácter em frente dessa ideia. Assim, eu não preciso de me justificar em relação a ela. Mas estava bem longe de pensar que a mais cuidada repreensão pudesse provocar na maioria dos homens uma real ofensa. Vejo agora quanto o numero dessas almas fortes e bastante elevadas para sentir a necessidade de uma crítica sábia e chegar até a perfeição, é bastante pequeno. Somente os grandes gênios são capazes de amá-la, procurá-la, conhecer o seu preço e confessar lhe dever todos os raios de luz que os trazem rapidamente à superioridade. Os espíritos de menor alcance que compõem a multidão, na maioria cega pelo interesse e pelo amor próprio que os tornam eternamente insatisfeitos das suas produções, descuidem dessa glória que necessitaria deles tempo e trabalhos. Eles evitam aqueles que os poderiam esclarecer a respeito das suas imperfeições e os levar a recusar os elogios pelos quais os sedutores vêm com o fim de corrompê-los, ou que os ignorantes lhes promulgam de boa fé.

Você me diz, em seguida, que uma Crítica impressa precisa ser irrepreensível, e acrescenta que várias pessoas que acharam na minha uma parte de verdade, pela justeza e a força das expressões, tinham no mesmo tempo reparado muitos erros na estrutura gramatical da dicção, e algumas outras construções escuras. Confesso com sinceridade as minhas negligências em relação a isso, apesar de que elas me parecem perdoáveis quando

se trata de um particular que não é Autor de profissão e que, de qualquer modo, não tem nenhum desejo de se tornar como tal. A luz da impressão me as revelou, quando foi tarde demais para corrigi-las. Aos meus próprios erros, o tipografo adicionou os deles. Palavras inteiras esquecidas, transpostas, correções muito essenciais omitidas, inconvenientes inevitáveis em Obras impressas no Estrangeiro, longe dos olhos do autor. Você quer, de repente, me encorajar, e reconhece que nenhuma utilidade da crítica não poderia ser retirada, se nós preferíssemos ao fundo das coisas e a vantagem da instrução, a análise escolástica das regras da sintaxe. Só os Críticos, você diz, enfraquecidos no uso das palavras e nos arranjos dos períodos são, ordinariamente, muito fúteis, e merecem pouca atenção. Isso não é exatamente o meu sentimento, e creio que os pensamentos os mais justos, divulgados ao leitor de modo ambíguo, escuro, e pouco certo, não agradariam através nenhum tipo de escrito, e, sobretudo, o da Crítica.

Eu esperava de qualquer modo esse último opróbrio da parte do público, que não me surpreendeu. Mas lhe reconhecerei de ter sido mais ao serviço da leitura do paradoxo que nós nos esforçamos de estabelecer. *Que seja absolutamente necessário de ensinar uma arte para falar sobre ele com justiça, e ousar observar os seus defeitos.* Essa máxima me apareceu bem estranha, e encontrou poucos partidários. E quem teriam sido os nossos Historiadores, Oradores, Poetas, nos Músicos, e mesmo os nossos acadêmicos mais famosos, se os seus Confrades só haviam tido o direito de examinar e de julgar as suas Obras?

Como encontrar censores de boa fé e conselhos desinteressados em seus concorrentes? Rivals e ambiciosos da preeminência pela maioria; a inveja, a complacência, as considerações, a política e mil interesses pessoais haveriam feito se calar e velar os seus defeitos, ou mesmo lhes conferir os elogios. Isso vale somente na boca desses homens firmes e equitativos que compõem o Público, e que não pertence aos Autores pelo sangue, pela amizade, nem pela perfeição, que a linguagem da verdade pode ser descoberta. A opinião que eu estou combatendo é tão singularmente espantosa quando seus inventores a condena eles mesmos, expondo todos os anos as suas obras aos julgamentos do Público; exposição esta que não valeria nada mais do que o vão espetáculo feito para divertir a curiosidade e enfrentar a crítica reservada às pessoas da Arte e aos seus confrades infalíveis. Eu não me limitarei mais a refutar seriamente uma opinião tanto nova, quanto perigosa, e sem-

pre acharei que nada será mais útil e importante pelas Artes, como pelas Letras, que as decisões do Público, quando elas poderão chegar até aos Autores, sem passar pelo órgão pérfido dos adutores ou pelos admiradores ignorantes. Eu o reúno, ainda, às pessoas apaixonadas e incapazes de cuidado. Considerações estas, cujo galante homem não poderia se dispensar em sociedade, e que não me permitiram repor os sentimentos deste Público, tal como ele os pronunciou aproximadamente; tenho uma atenção severa que precisa ser atenuada, não somente em relação a pimenta da crítica, mas também para enfraquecer a sinceridade desatenciosa do seus julgamentos. Sem essa precaução, eu acabaria muito por humilhar a amor próprio dos nossos artistas que se estimam perfeitos. E qual revolta não haveria causado essa imprudência porque, apesar de todos os adoçamentos que eu me esforcei de usar, eu nunca deixei nenhum deles infelizes, em resposta aos julgamentos do Público sobre seus quadros expostos então no Salão?

Confesso que eu poderia ter falado no mesmo tempo sobre as suas Obras que se dão para ver em outros lugares, com uma boa tonalidade de cor, que decoram várias igrejas, e que estão sendo usadas pela ornamentação das Casas Reais e dos nossos lindos Palacetes. Obras estas são aquelas dos Senhores Boucher e Natoire no Palacete de Soubise e na casa do Senhor Orry, Pintores estimados, pelos quais a nação encontra-se devedora, e, sobretudo, ao senhor Boucher, do degrau mais alto de perfeição ao qual eles levaram, junto com o sábio Oudry, a Manufatura Real de Beauvais tanto renomada hoje no Estrangeiro, quanto no Reino. Talentos estes, tão úteis, que os conferiram ao justo título a reputação que eles gozam. Se essa reputação estivesse um bem real que lhes pertenceriam, além de ser preciosa, e apesar da distinção sedutora da posição, ela só pode ser vantajosa pela sua fortuna, e nada não seria mais contrário do que querer os privar dela ou mesmo querer ameaçá-la do mais leve prejuízo, se essa coisa fosse possível.

Passo além de vários parágrafos da sua carta, até chegar no artigo do portal [da igreja] de Saint - Sulpice. Você admite que ele não recebeu a aprovação do Público, nem a dos *Connaisseurs*, menos ainda aquela dos nosso judiciosos arquitetos; seja pelo conjunto múltiplo de colunas e da composição da totalidade, que não é conveniente pelo lugar, nem pelo resto do Edifício, seja enfim pelos numerosos outros defeitos cuja enumeração seria longa demais. Você adiciona em seguida que, pelo modo usado por falar dele, parece que o Autor deste portal seria ainda culpado do mau gosto que reina no interior

da Igreja. Eu sei, Meu Senhor, que não tinha nenhuma parte, exceto da Tribuna, mas foi vivamente constrangido pela injúria feita aos nossos arquitetos franceses, Acadêmicos, pela preferência de um Estrangeiro que não é muito superior que eles na ciência da boa arquitetura, por uma obra tão importante e de uma despesa imensa e incrível; eu confesso que eu exagerei um pouco além do possível e fiquei mesmo injusto na qualificação que eu lhe tinha dado. Isso, concordando independentemente com tudo o mundo sobre a sua grande capacidade e sobre o caráter fecundo do seu gênio na parte da decoração e da mecânica que depende dela, seja pelo teatro, seja pela magnificência das Festas públicas. Eu poderia ainda acrescentar esse talento das Telas de Arquitetura [pintadas] pelos Gabinetes, observando nelas alguns efeitos pitorescos, sábios e suficientemente felizes. Mas que você me permite anotar, passando por esse assunto, que os melhores Pintores de Arquitetura fazem raramente os bons Arquitetos; eu poderia também destacar que isso é quase impossível quando se trata de grandes decoradores, e eis é a razão. Acostumados a prodigar os embelezamentos necessários pela ilusão do Espetáculo e pelo brilho das Decorações que os obrigam a multiplicar as partes, e que fazem delas a riqueza e a sumptuosidade, eles se sacrificam sempre às saliências da sua imaginação e aos desvios tão caros pelos Ultramontanos. Simplicidade sábia esta que constituiu a grandeza e a nobreza da Arquitetura.

Eles não saberiam subestimar nem praticar essa economia engenhosa das belezas cujos Mansart, de Brosse, Perrault, Le Vau, etc. foram tão avarentos. E essa economia que contribui à celebridade dos seus edifícios elevados sob Luís XIV, por ser superiores a todos seus contemporâneos na Europa e principalmente na soberba fachada do novo Louvre; Obra de uma perfeição tão sublime e cujo aspecto é tão surpreendente pela sua majestade e sua magnificência, que ela conserva ainda a proeminência do seu gênero, sobre todos do Universo.

Foi na ocasião do Portal de Saint-Sulpice que você relatou aquele de Saint-Gervais, e dos lamentos do Público que eu expus em relação ao que lhe rouba de admiração. Eu não refutarei o que eu tinha dito a respeito do comportamento da nossa nação tão diretamente oposta ao alvo de nossos estabelecimentos acadêmicos. Mas confessaria ter sido enganado no relatório citado a respeito desse assunto na minha Obra. Foi-me contado de modo muito infiel e diretamente oposto à verdade. M. *** usou de todos os seus cuidados e da sua au-

toridade, para entregar ao Público a vista de um monumento do qual ele conhecia o preço. Ele mandou fazer então as Plan-
tas de um mau gosto, para uma praça conveniente à beleza e ao aspecto deste Edifício, pelo qual nós saberíamos muito elogiar, não pudermos persuadir os proprietários dessas velhas casas que pertencem aos hospitais e outras Comunidades, de vendê-las para destruí-las, e ele tinha a dor sensível de ver fa-
lhar um projeto tão útil.

Eu devia essa reparação para esse digno Magistrado, e é principalmente isso o que me engajou a publicar esta carta. Quando mesmo eu tivesse sido bastante injusto para guardar o silêncio nesse assunto, o Público não o teria jamais suspei-
tado de poder vingar a Nação dessas acusações vergonhosas que foram emitidas e de ter sido negligente com ele? Qual magistrado mereceu melhor o título eminente de excelente cidadão, que todos os corações dos franceses lhe deram com aclamação? Qual prebostado jamais será mais memorável que o dele, seja pela sua exata integridade, seja pela decência e pelo gosto nobre e magnífico que ele tinha posto em todas festes que foram dadas em seu tempo, seja enfim pela multi-
dão dos embelezamentos usados para decorar a Capital, e as comodidades que ele trouxe pelos seus habitantes? Quando todas as penas estariam mudas a respeito dele, a voz do Povo gravada em tantos mármores e tantos Bronzes publicará ter-
namente as benfeitorias do Magistrado e o reconhecimento de todos os Cidadãos.

Chego ao fim da sua carta, e à última acusação que me foi direcionada, sobre o fato de ter guardado o anonimato. Você diz que foi forçado a lançar um caráter odioso sobre todo Crítico anônimo. A singularidade dessa acusação não me surpreendeu menos do que esta do Paradoxo que eu ti-
nha combatido acima. Não somente eu não me sinto culpado de não me ter chamado, mas penso ainda em quem deseja o fazer, qualquer modesto e quanto equitativa seja a Crítica. Isso não consiste em desafiar o Público e lhe dizer audacio-
samente que não se tema da censura das decisões que nós publicamos desde que ousamos nos mostrarmos com rosto desvelado? Além disso, qual autoridade poderia ter dado à minha Crítica o nome de um incógnito? Se as minhas anota-
ções obre os defeitos das Obras expostas são verdadeiras, que importa de qual parte vem a verdade daqueles que a desejam? Se elas são falsas, elas só merecem o desprezo, vindo, sobre-
tudo, de um anônimo. Nomeando-me, não teria anunciado a

vontade de me deleitar da vaidade e da reputação da minha crítica; e eu declarei nas minhas *Reflexões*, que eu renunciava inteiramente a esta glória frívola, expondo em poucas palavras os motivos que me levaram a escrevê-las e que vou lhe dizer aqui de forma mais longínqua.

A paixão nascida comigo pelas belas artes; o estudo singular e aprofundado do que constituí as suas verdadeiras belezas, e que eu segui em toda a extensão do Reino, e durante a minha estadia no Flandres e na Holanda, onde eu admirei com deleito os Obras primas em todos seus gêneros dos mais importantes Mestres e de todos os países; um sentimento voluptuoso e profundo, as expressões sábias dessa Arte divino, cujo alcance consiste em elevar a alma do espectador, de a mexer, e todo menos de estimular a admiração, quando ele não pode instruir; enfim um zelo ardente e corajoso de uma cidadão, para expor os abusos que desonram a Nação, e contribuir a sua glória, propondo os meios os mais adequados e mais fáceis ate chegar nesse alvo; eis as únicas razões que me colocaram a pena na mão, e me suscitaram os aplausos os mais sedutores para um bom francês.

Você me exorta, acabando, e você me pressa vivamente de dar uma nova edição desse pequeno Escrito extremamente correto, com algumas observações sobre as Obras novamente expostas no Louvre. Você me diz, por fim de me envolver nisso, que eu teria, esse ano, um vasto campo pela Crítica, sobretudo no gênero da História. Eis é o que precisamente, Meu Senhor, me obriga a renunciar. Você é ainda longe de me conhecer, caso você ignora a minha disposição natural a elogiar, e a minha antipatia para desaprovar e publicar o que pode prejudicar a honra da Nação nas Obras da nossa Escola. Eu não posso exprimir bastante a minha alegria e a minha satisfação, vendo as verdadeiras belezas de nossos pintores franceses; eu gosto de fazer sentir, de detalhar, e mesmo de acrescenta-las em frente ao espectador. Mas devo lhe confessar ao mesmo tempo os sentimentos de dor causado este ano pelo declínio de nossos pintores de História, nos Quadros expostos pela Nossa Majestade. Dor esta que se foi vivamente ampliada pelas reclamações do Público, tão em relação à esterilidade e à falta de gênio na escolha dos assuntos, quanto à frieza e à mediocridade da execução. De repente, concordamos que alguns deles fazem exceção e nos quais existem verdadeiras belezas. Meu amigo, a que número encontra-se reduzido! O que animou, sobretudo, os lamentos mais unânimes foi o progresso

retrógrado dos quais cujas Obras nos deixaram cheios de alegria no ano passado, pelas esperanças de uma futura perfeição. A causa será causada pela falta de Mecenas ou de Protetores? E como a Pessoa, em que a Nossa Majestade confiou o cuidado do apoio e do avanço das belas artes, podia retirar de mais vantajoso da pintura senão em encorajar nossos Pintores de História com alguns prêmios? Seria neste homem, que o Rei nomeou o seu primeiro Pintor, que uma falta de zelo e de ardor para excitar e para aperfeiçoar os talentos dos seus Confrades teria ocorrido? Ainda menos, porque saberíamos nos livrar deles com mais atividade e inteligência.

Qual é então a fonte do langor e da letargia presentes dentro da nossa escola? Se não se trata do amor próprio daqueles que a compõem, cuja maior parte, adoradores das suas produções que não imaginam nada que lhe estivesse superior, desprezam de expor suas ideias e aprofundar até o ponto mais vivo da verdade, os sentimentos destas pessoas esclarecidas e severas e daquelas, cuja justeza e elevação do Gênio é só capaz de trazê-los de volta ao bom gosto, aos novos caminhos, esquentar a sua alma e suas composições mudas e inanimadas por meio da eloquência e de traços de vida. Aqueles que foram escolhidos esse ano para trabalhar sobre os Quadros do Rei merecem porem qualquer indulgência, por não ter, eles dizem, todo tempo necessário para imaginar grandes Temáticas, nem levar as suas Obras a perfeição. Sabemos que o Pintor, inventor e original, é como o grande Poeta, susceptível deste belo fogo, deste entusiasmo, que não pode ser comandado, e do qual se espera a inspiração. Mas eles não obtiveram lazeres o bastante para procurar alguns caracteres Históricos ou herdados da fábula mais interessantes e menos usados, ou que não tivessem sido tratados divinamente pelos nossos grandes Mestres? É nesse sentido que um Pintor estimado, enfraquecido necessariamente pela repetição de um pensamento acima do qual ele não poderia elevar-se, caia nesse momento na ordem abjeta do Plagiário e abaixo do seu mérito pessoal, pela comparação.

É ainda mais imprudente de entrar na luta com os Pintores de primeira ordem, que ele sentirá menos a desigualdade da força no Gênio, e que ele não faltará essa impressão natural do grande belo, e desse patético que bate e comove pelos movimentos e pelas posições eloquentes das suas figuras. O seu pincel não terá a mesma faculdade de formar essas fisionomias de carácter que dão vida às Personagens, e os fazem conversar com nossos olhares pela sua nobreza, sua decência e, o que é bem

natural, pelo jogo das características do rosto relativo ao seu papel e conveniente em seu lugar. Enfim, por meio dessa expressão da alma e do sentimento que deve substituir a fala, e sem a qual todo Quadro de História não é nada mais do que tela e cores.

O olhar furtivo jogado nas Obras admiráveis que decoram esta linda Galeria na qual estão expostos os novos Quadros e onde o imortal Le Brun desdobrou a imensa vastidão do seu gênio, ensinará bem mais, num só instante, sobre a riqueza da Ordenação e a verdade sublime da expressão, que o desprezo de um discurso mais longo. Que me seja permitido, em relação das Obras primas de Pintura que nós admiramos nesta Galeria, de publicar os lamentos e as alarmes do todo Paris sobre os seus futuros desaparecimentos, pela vergonhosa negligência a qual estão abandonados estas famosas Batalhas de Alexandre, e que trazerem pelo amparo das estampas em todo o universo, a glória do seu Autor e da Nação, e a perfeição da nossa Escola em seus dias mais favoráveis. Eu tomo o cuidado, tudo como eu lhe tinha prometido, de não proceder ao exame das belezas nem dos defeitos de um só dos Quadros expostos. Eu considerarei exatamente o que eu acabei de lhe dizer.

Após me ter aconselhado em sua Carta de continuar a minha Crítica devida à abundância da matéria, você faz um último esforço por me convencer pelos sentimentos do reconhecimento que eu devo ao Público, você diz, da recepção que ele fez da minha Obra. Teria a honra de retornar a você que, quanto agradável fosse essa recepção, creio que a devo bem menos ao valor do espírito de algumas pessoas de grande nome e da primeira ordem, e particularmente de um Magistrado de uma posição elevada, em que o amor e o conhecimento das belas artes parecer equivaler o zelo ardente pela felicidade da sua Pátria que faz toda a ambição e o objeto dos seus trabalhos. Todavia, admitiria com franqueza, que todas essas satisfações não puderam balançar a pena causada pelas insatisfações de algumas pessoas.

Eu não posso assim me resignar às suas solicitações de trabalhar ao exame das Obras novamente expostas, e ao qual um numero infinito de pessoas me convidaram. Qualquer utilidade a qual eu me proponho, os recursos se tornam mais pesados para um homem verdadeiro e os sucessos estão quase sempre duvidosos. Pouco idolatro do incenso do Público do qual eu tinha pesado, há muito tempo, a fumaça, eu sei hoje, mais do que nunca, do erro daqueles que, num estado privado e sem necessidade sacrificam ao zelo pela Pátria e ao vão nome de homem de espírito e de gosto, os dois únicos bem

dignos conforme a minha vontade da sua ambição, a tranquilidade, e a independência. Tesouros preciosos e divinos! Mas dos quais os homens ignoram o preço.

Eu digo a tranquilidade, porque não se trata mais de descanso para um escritor que espera loucamente satisfazer este Público, respondendo a suas Críticas. Se eu adiciono a independência, isso é porque todo Autor sofre com a bizarrice destruidora deste Público e a sua maldade. Acabei de senti-la na ocasião desta pequena publicação, na qual se manifestou o esforço de travestir em contraverdades e de conferir um sentido irônico e maligno aos elogios os mais sinceros de uma pessoa em função, e de quem as belas artes têm de se felicitar da proteção e dos prêmios. Como poderia então preferir esses desgostos e essa escravidão à doçura de uma feliz escuridão, dentro da qual, imperceptível aos homens maus e fora do alcance dos seus caracteres, eu interrompe somente o meu lazer que pelo meio de uma atenção agradável a cultivar a estima, e gozar da amizade de um numero reduzido de Pessoas, que eu estimei dignas da minha? Lá, contente do título de filósofo ignorado e que não se leia, eu sinto quanto estes poucos amigos que nos conhecemos valem cem admiradores que nos ignoramos. Além disso, quando haverei a felicidade de agradar todos os espíritos, o que é impossível, isso não acontecerá impunemente. A vontade está sempre do lado do sucesso e se ele revela-se prazer, o seu custo vale muito pelos bons corações, desde que ele lhe atrai o menor inimigo, apesar da mais laudável intenção.

É isso que você tinha a bondade de me avisar, Meu Senhor, a respeito da minha Obra. Eu não me declarei tão seduzido ao ponto de ser infalível, e admito de boa fé que eu não me possa ter enganado sobre as minhas anotações; mas confesso no mesmo tempo estar pronto a me retrair, desde que ficarei convencido do meu erro. E qual é o homem isento disso, já que ele se compartilha? Esperando essa graça do Público, aproveito então a confissão das minhas faltas, as mais caras e sensíveis das satisfações para todo homem que gosta da verdade e que procura, de todo seu coração, a maneira como conhecê-la.

Referências

LA FONT DE SAINT YENNE, Étienne. Lettre de l'auteur des Réflexions sur la peinture et de l'examen de l'examen des ouvrages exposés au Louvre en 1746. In: *La Font de Saint*

Yenne. *Œuvre critique*. Col. Beaux-Arts Histoire. Étienne Jollet [Ed.]. Paris: École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 2001, pp. 95-105.

LA FONT DE SAINT YENNE, Étienne. *Examen d'un essai sur l'architecture, avec quelques remarques sur cette science traitée dans l'esprit des beaux-arts*. Paris, M. Lambert, 1753.

ROY, Alain *Le XVII^e siècle flamand au Louvre. Histoire des collections*. [col. Les dossiers du département des peintures n° 14] Paris: Éditions des musées nationaux, 1977, p. 60.

Recebido em: 31/03/14

Aceito em: 01/05/14

SAMUEL JOSÉ GILBERT DE JESUS

samueldesus.sp@gmail.com

Doutor em cotutela em Études cinématographiques et audiovisuelles – Universidade de Paris III/ ECO - Universidade Federal do Rio de Janeiro [2010], e Pós-doutor em artes visuais – ECA - Universidade de São Paulo [2013] – Samuel de Jesus é atualmente professor de História da Arte e da Imagem na Universidade Federal de Goiás - Faculdade de Artes Visuais. Ele é também autor do ensaio *Saudade. Da poesia medieval à fotografia contemporânea*. Percurso de um sentimento ambíguo [no prelo].